



DO YOU SPEAK JEWELLERY? *

Talk Show

Conversa informal sobre joalheria contemporânea e Apresentação do programa de exposições de 2018, comemorativo dos 20 anos da Galeria Reverso. / *Informal Talk about jewellery and presentation of the exhibition programme for 2018, marking the 20th anniversary of Galeria Reverso.*

–

moderadora / moderator:

Marta Costa Reis – *Galeria Reverso.*

participantes / speakers:

Marina Elenskaya – *co-founder of the jewellery magazine “Current Obsession”.*

Olga Noronha – *jeweller.*

Pedro Sequeira – *artist and jeweller .*

-

20 de Janeiro, das 16:00h às 18h / 20 January, from 16:00h to 18h.

↳

Proposta Para Conversa

Tempos atrás uma amiga, que é também joalheira, perguntou-me se eu achava que a nossa arte ia continuar a existir. A pergunta surpreendeu-me pois nunca tinha realmente equacionado as coisas nesses termos. Como “continuar a existir”? Claro que sim! Nunca me passara pela cabeça que as artes desaparecessem. Para além do mais, sabemos que a joalheria é quase inerente à espécie humana.

Mas a interrogação permaneceu... poderá realmente “isto” desaparecer? E o que é “isto”? A começar pela dificuldade em acertar com um nome : joalheria artística ou art jewellery - mas também joalheria contemporânea, joalheria de autor, studio jewellery, etc.– para não falar das confusões com joalheria de artistas, são muitas as hesitações e opções que não ajudam à afirmação de uma autonomia artística e estética. Mas “isto “ existe ! Mesmo que não saiba muito bem nomeá-lo está aí e – pensava eu de forma inquestionável – está para ficar.

O que me intrigou e despertou foi esta ideia, quase uma angústia, de que o sector da joalheria artística poderia estar em perigo de desaparecer, quando eu o vejo como pujante, vibrante e cheio de vida... (estarei alheada da realidade?) Há uma imensidão de novos artistas, escolas, workshops, feiras e exposições que levam a que já não seja possível conhecer o trabalho de toda a gente, saber de todas as exposições, acompanhar todas as novidades... sinais para mim de que passámos para uma nova fase de maturidade, com todas as novas oportunidades e problemas que daí advém.

–



Por outro lado, ainda recentemente estive em debate na AJF – Art Jewellery Forum - uma tema que já ouvira também enunciado com preocupação por outra artista, que é o facto de um conjunto significativo de galeristas de joalheria contemporânea estar a atingir a idade de reforma, não se sabendo se se vão manter as galerias e em que condições e outros pura e simplesmente fecharam.

Pode este trabalho sobreviver sem galerias? E mesmo podendo, queremos que isso aconteça? Podemos imaginar um futuro em grande parte virtual, de compras online, de exposições organizadas pelos próprios artistas em feiras ou locais ad hoc? Vão emergir curadores independentes ou “agentes” de artistas que operam sem espaço físico definido, sem galeria? E as galerias, quantas podem sobreviver sem concessões à “joalheria comercial” ou sem subsídios?

Li há tempos uma biografia de Peggy Guggenheim, comprada em Paris, na altura em que lá fui ver a exposição “Medusa: Bijoux et Tabous”, que penso terá de ser vista como um marco na problematização, divulgação e – há que dizê-lo ainda? – legitimação da joalheria artística. O livro – que li no avião de regresso – fez-me ver alguns paralelismos entre o momento que a joalheria agora vive e o que ali se descreve no emergir artístico da idade moderna. A pergunta: “isto é arte?” ecoa na nossa prática quotidiana, acompanhada da outra: “isto é joalheria?” Há um sentimento de vanguarda no mundo da joalheria que julgo ser difícil encontrar hoje em dia noutras áreas. Não estamos já na primeira geração mas nos seus filhos ou netos e tudo é ainda muito novo e excitante mas também bastante incerto.

Os artistas querem saber como dedicar-se plenamente à sua arte, sem necessitar de outros trabalhos; os galeristas querem saber como cativar novos públicos, ainda que cientes de que talvez sejamos sempre um pequeno nicho; os pensadores, professores e curadores têm de definir os contornos teóricos do que estamos a fazer; as escolas oscilam entre o ensino artístico e a preocupação de dar ferramentas de empregabilidade aos alunos e os colecionadores angustiam-se perante a possibilidade de estarem cegos pela sua paixão...todo um mundo se organiza em torno da jóia.

E a jóia tem de dar respostas... num mundo em constante expansão em que os limites se esboroam... fotografia, instalação, video, performance, escultura, escarificação, tatuagem, land art, arte urbana, design, craft, tecnologia 3D, realidade aumentada...a joalheria artística corre por todos esses mundo. Mas, para além da prática individual, o que fica quando regressamos à bancada? Onde estamos, e claro, para onde vamos?

Marta Costa Reis, 2018
p/ Galeria Reverso



Food for thought

A while ago a friend who is also a jeweler asked me whether I thought our art would continue to exist. The question surprised me as I had never pondered on it. What did she mean “continue to exist”? Of course it will! I never thought arts could disappear. Besides that, we know jewellery is almost as human as we are.

But the question lingered... could “this” really disappear? And what is “this”? I don’t want to go into the debate of the definition of the art I will call art jewellery. Of course there are many hesitations regarding the name – contemporary jewellery, studio jewellery, author jewellery – not to mention the confusion with artists’ jewellery, and this doesn’t help the recognition of this practice, but others better than me will do this analysis.

What intrigued and excited me was this idea, almost an anguish, that the sector of artistic jewellery could be at risk of disappearing when I see it as booming, vibrant and full of life... (am I alienated from reality?) There is a multitude of new artists, schools, workshops, fairs and exhibitions that make that it is no longer possible to know about every exhibition, follow every event... signs that the sector moved into a new phase of maturity, will all the opportunities and problems that arise from that.

On the other hand, very recently Art Jewellery Forum debated a theme I had heard before from a worried friend, that a significant number of jewellery gallery owners are around the age of retirement, and one wonders whether they will keep the galleries open and under which conditions and some just closed down their businesses.



Can this work survive without galleries? And even if it could, do we want that to happen? Can we imagine a mainly virtual future, with exhibitions organized by artists in fairs or ad hoc places ? Will independent curators or artists' "agents" emerge, operating without a defined physical space, without a gallery?

A while ago I read a biography of Peggy Gugenheim, bought in Paris, when I went there to see the "Medusa: Bijoux et Tabous" exhibition, a mark in the problematization, divulgation and – do we still need to say it? – legitimation of art jewellery. This book – I read on the plane back home – made see some parallels between the moment jewellery is going through right now and what is there described at the rising of the age of modern art. The question : "Is this art?" echoes in our daily practice, teaming with another one: "Is this jewellery?". There is a feeling of vanguard in the jewellery world that I believe is difficult to find these days in other areas. We are not the first generation but their sons or grand-sons and daughters and everything is still very new and exciting but still rather uncertain.

The artists want to know how to dedicate fully to their art, without the need of daily jobs; the gallery owners want to know how to captivate new audiences, though very much aware that we will always be a small niche; the thinkers and teachers and curators need to define the theoretical boundaries of what we are doing; schools oscillate between artistic curricula and the need to give their students tools of employability and collectors are worried they may be blinded by their passion...a whole world organizes itself around jewellery.

And jewellery must answer...in a world in constant expansion where borders collapse... photography, installation, video, performance, sculpture, scarification, tattoos, land art, urban art, design, craft, 3D technology, augmented reality...artistic jewellery can run though all these worlds. But, besides individual practice, what remain when we go back to the bench? Where are we, and of course, where do we go?

Marta Costa Reis, 2018
for Galeria Reverso

—
* Manuel Vilhena in "do you speak jewellery", 1998.